



A IDA DOS FUZILEIROS NAVAIS PARA O PLANALTO CENTRAL

CT (AFN) José Edson Bezerra

O Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) do Brasil é uma unidade das Forças Armadas integrante da Marinha do Brasil. Sua data de criação é tida como 7 de março de 1808, data em que a Corte Portuguesa aportou no Rio de Janeiro conduzindo a família real, que veio para o Brasil em virtude das ameaças das tropas de Napoleão Bonaparte.

Os fuzileiros navais fixaram sua sede na Fortaleza de São José das Ilhas Cobras no centro do Rio de Janeiro, seu Quartel General desde o ano de 1809. Durante a sua trajetória, o CFN possuiu diversas denominações. Seu histórico pode ser dividido em três fases, que caracterizavam suas

atividades e nomenclatura, pois nem sempre a Instituição foi chamada de Corpo de Fuzileiros Navais. Em um primeiro momento, era considerado como Artilharia da Marinha e eram chamados de Artilheiros-Marinheiros. Posteriormente, atuou como Infantaria da Marinha e eram chamados

de Corpo de Imperiais Marinheiros, e finalmente a partir do ano de 1932, passou a ser chamado pela atual denominação, Corpo de Fuzileiros Navais, e passou a projetar o Poder Naval sobre terra em operações denominadas de “Operações Anfíbias” (ataque lançado do mar para terra, por forças navais de desembarque, compreendendo o desembarque em um terreno hostil, ou potencialmente hostil).

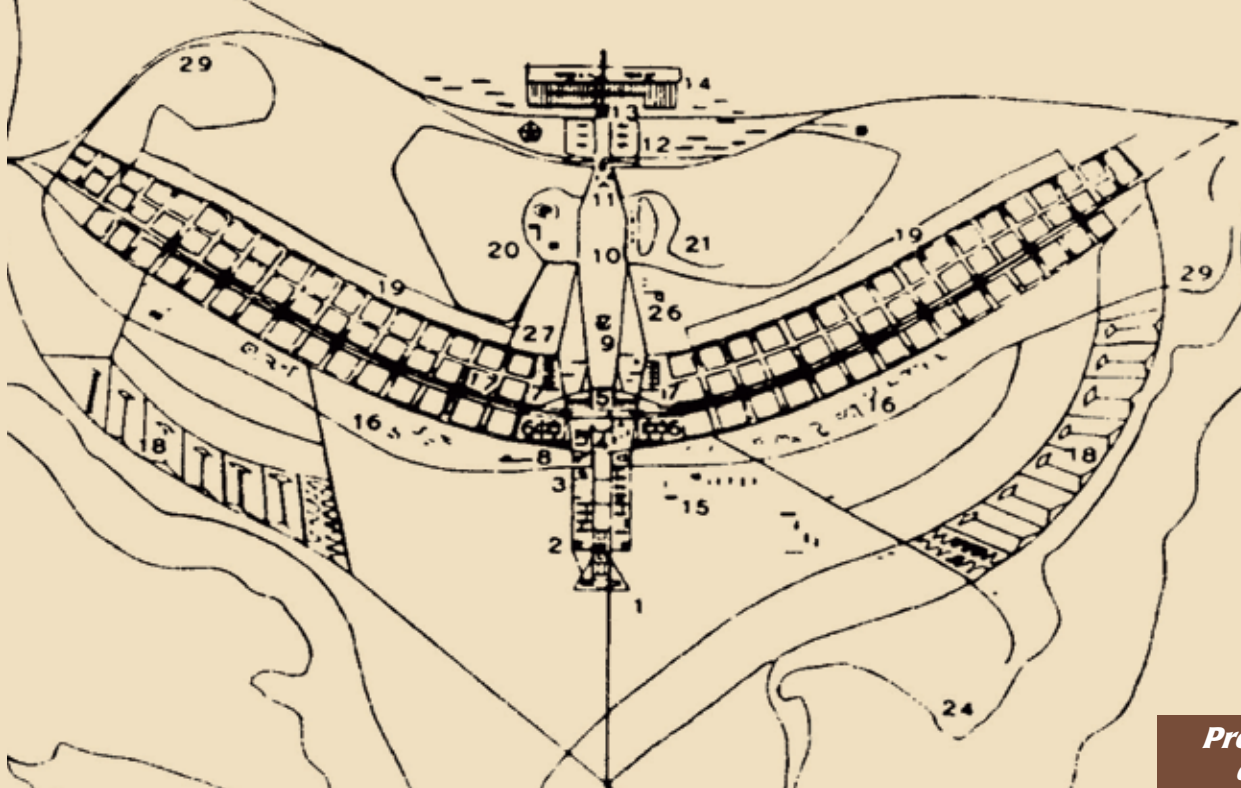
Atualmente, o CFN está estruturado para realizar diversas operações militares, sejam as de caráter de combate, sejam as de caráter assistencialista no que tange ao apoio à população em situações de calamidade pública, como, por exemplo, terremotos, enchentes e vendavais. E essas atividades não ficam restritas somente ao nosso país, como divulgado nos últimos anos por nossa mídia. Os FN foram empregados em países em estado de calamidade, como Angola e Haiti, mais recentemente.

A trajetória do CFN evidencia uma instituição permanente, adestrada e dedicada ao cumprimento de sua missão, irmanada pelo espírito de corpo e pelo ideal de um Brasil em paz, livre e soberano.



Fortaleza de São José das Ilhas Cobras





**Projeto de Brasília,
de Lúcio Costa**

A TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL FEDERAL

A Brasília de hoje é a terceira capital federal. A primeira capital do Brasil foi Salvador – fundada em 1549 por Tomé de Souza. No início do Século XVIII, com o intenso fluxo migratório em virtude da descoberta de ouro e metais preciosos na Região Sudeste, a capital da Colônia foi transferida para a cidade do Rio de Janeiro.

As primeiras ideias

O ideário de transferir a capital do país para o Centro-Oeste surgiu ainda na época do Brasil Colônia, visando proteger a capital da Colônia de ataques vindos do mar. Por volta de 1823, José Bonifácio de Andrada e Silva, um dos maiores incentivadores da proposta, sugeriu pela primeira vez o nome “Brasília”. O sonho de Dom Bosco em 1883, que foi publicado no livro *Memórias Biográficas de São João Bosco*, acabou sendo considerado como uma premonição do local onde deveria ser implantada a nova capital.

O projeto de construção

A Constituição de 1891 previa a criação de uma comissão que seria encarregada de estudar e demarcar um local onde seria construída a nova capital do País. Essa comissão foi criada e presidida pelo astrônomo e engenheiro belga Luiz Cruls, então diretor do Observatório Nacional no Rio de Janeiro. A comissão foi composta por 22 experientes profissionais de diversas áreas como topografia, fontes de energia, clima, geologia, militares, fauna, flora, entre outras. A

comissão efetuou seu trabalho de junho de 1892 até junho de 1893. A missão da comissão constituída ficou conhecida como “Missão Cruls” e realizou o trabalho de delimitar uma região (um quadrilátero) dentro do atual estado de Goiás. A essa demarcação atribuíram o nome de “Quadrilátero Cruls”.

Por meio da recém-criada Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), na década de 1950, foi lançado um concurso com a finalidade de selecionar os projetos urbanísticos dos principais prédios públicos, bem como do formato da cidade. Nesse contexto, o projeto vencedor foi o do arquiteto e urbanista Lúcio Costa, pois se tratava de uma ideia bastante simples e inteligente: um papel em branco contendo dois traços em forma de cruz, sobrepostos em ângulo reto. Uma dessas linhas, o Eixo Rodoviário, era levemente inclinado, lembrando forma de uma asa de avião. O que hoje se conhece aqui em Brasília como asa norte e asa sul. A outra linha reta seria o local onde ficariam as instalações dos prédios públicos, torre de televisão e a rodoviária.

Após aprovação do projeto urbanístico, o Presidente da República Juscelino Kubitschek (JK) escolheu Oscar Niemeyer como o arquiteto que iria ser o responsável pela construção dos principais monumentos. As principais estruturas da cidade são projetos de Niemeyer: o Congresso Nacional, os Palácios da Alvorada e do Planalto, o Supremo Tribunal Federal e a Catedral de Brasília. Burlle Marx era o encarregado de dar formas aos jardins e praças e Athos Bulcão, com seus painéis de azulejos que são uma marca registrada da capital.

Construção da nova capital

A pedra fundamental da futura capital foi lançada em 1922, ano do centenário de nossa Independência, localizada em uma região perto de Planaltina (DF). Mas somente em 1956, houve a efetiva demarcação da futura capital federal, quando JK retirou do papel e iniciou a construção daquele sonho que levou séculos para ser concretizado.

Uma das primeiras obras a se erguer em Brasília foi o “Palácio do Catetinho” que se destinava a abrigar o Presidente em suas visitas à cidade, depois vieram as obras do aeroporto, a represa do Lago Paranoá, e uma vila muito importante para abrigar aqueles que vinham para trabalhar na construção da cidade, chamada de “Candangolândia”. Niemeyer deu início às suas obras construindo o Palácio da Alvorada, o Palácio do Itamaraty e o Hotel Brasília Palace.

Na medida em que as obras de infraestruturas básicas como estradas, rede de água e energia iam sendo concluídas pela NOVACAP, o ritmo das obras se intensificava.

Com as novas estradas proporcionando mais conforto e segurança para os viajantes, o fluxo migratório se intensificou e havia grande oferta de mão de obra para todos aqueles que se encontrassem dispostos a enfrentar o desafio e fazer parte da história de nascimento de uma cidade, partindo do ponto zero.

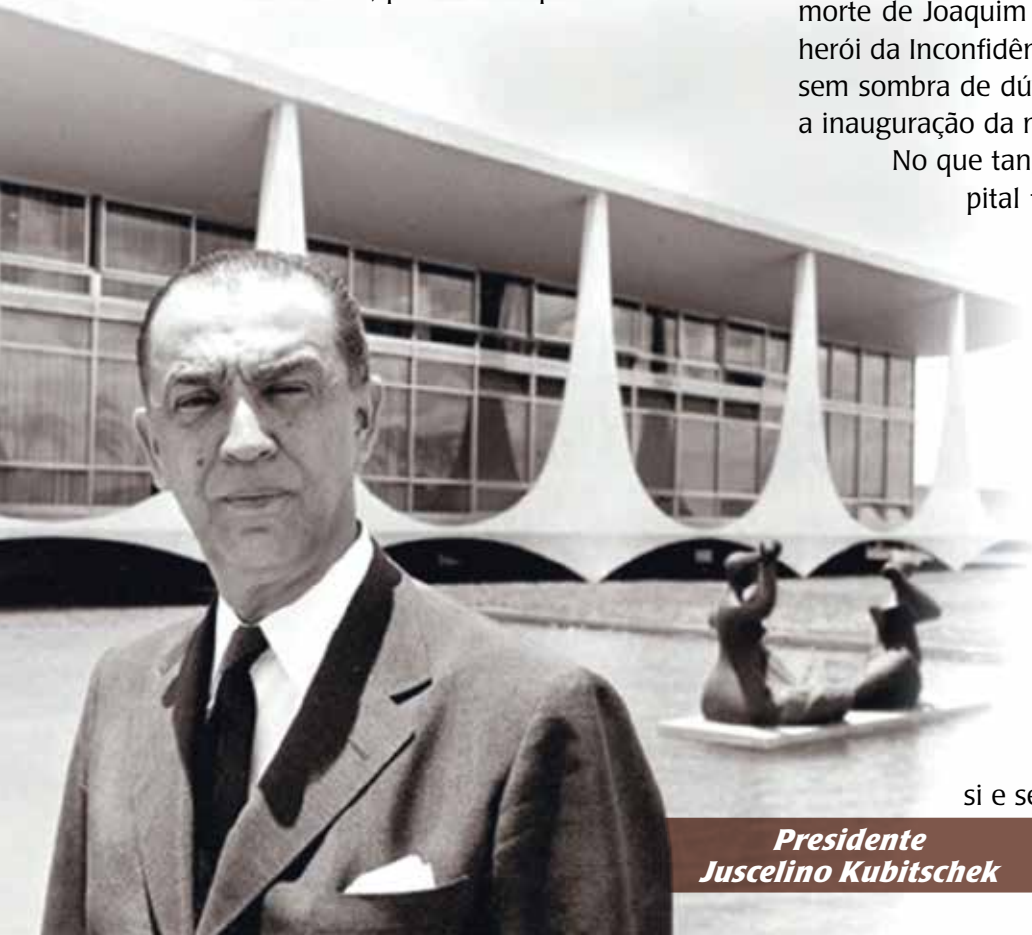


Palácio do Catetinho

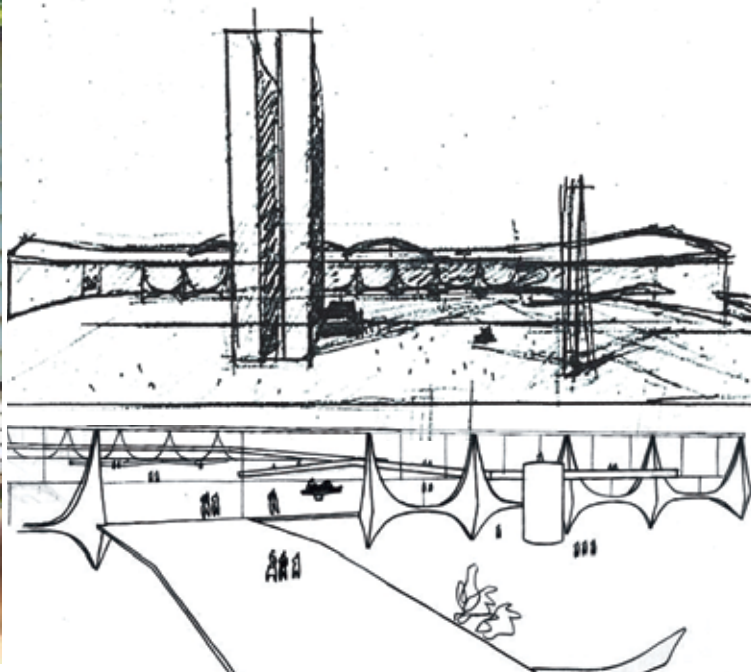
O nascimento do Distrito Federal

No dia 21 de abril de 1960, Brasília surgia para o mundo, uma cidade construída com formas inovadoras e com uma arquitetura totalmente inédita. Essa data de 21 de abril coincide com outras datas importantes, pois se estima que no ano de 753 a.C. ocorreu a fundação da cidade de Roma – capital da Itália, uma das cidades mais importantes de nossa Antiguidade Clássica; e também no dia 21 de abril no Brasil é lembrada a morte de Joaquim José da Silva Xavier, o conhecido herói da Inconfidência Mineira. Todo esse simbolismo sem sombra de dúvidas ajudou a fortalecer e marcar a inauguração da nova capital federal – Brasília.

No que tange ao seu povoamento, a nova capital tornou-se plural, pessoas de todos os cantos do país se propuseram a desbravar o serrado. Neste contingente de brasileiros se destacavam os nordestinos e os mineiros, além dos goianos que por aqui já havia, formando, assim, a grande massa dos operários que contribuíram para tirar do papel aquele sonho secular. Os “Candangos” como eram chamados aqueles que vieram para construir a cidade, buscavam realizar seus sonhos e encontrar uma vida digna para si e seus familiares.



**Presidente
Juscelino Kubitschek**



Criações de Oscar Niemeyer: abaixo, o Palácio do Planalto e à direita a Catedral e o Congresso Nacional



A MARCHA DOS FUZILEIROS ATÉ O PLANALTO CENTRAL

“Poderia ter ido num avião-transporte, em caminhões ou trem. Mas se o fizessem, não daria tanto realce à participação da Marinha na inauguração de Brasília. Esse reide a pé teve uma expressão de integração do homem com a terra e reviveu, de certo modo, as façanhas dos bandeirantes que desbravaram o longínquo e misterioso oeste”. (Juscelino Kubitschek).

Aproximando-se a data de inauguração de Brasília, a Marinha do Brasil resolveu homenagear a nova capital enviando um destacamento que se deslocaria, a pé, partindo do então Ministério da Marinha localizado no Rio de Janeiro até a nova capital.



A unidade da Marinha escolhida para realizar tal façanha foi a Companhia de Reconhecimento (CiaRecon), unidade de elite dos fuzileiros navais onde se concentravam os militares mais preparados da época, não só no quesito da capacidade física como também da capacidade psicológica, pois eram militares paraquedistas que passavam por rigorosos treinamentos antes de serem admitidos. Entretanto, a tropa não foi constituída somente por esses militares; o grupo foi formado por um contingente de fuzileiros e marinheiros que teriam a missão de conduzir e entregar uma mensagem do Ministro da Marinha ao Presidente da República. Dessa forma, a Marinha se faria bem representada, com integrantes dos Fuzileiros Navais e da Armada (marinheiros).

O planejamento da marcha

O destacamento foi formado por uma coluna de 124 homens, sendo 76 fuzileiros navais da CiaRecon, 24 fuzileiros do Batalhão Riachuelo, 20 marinheiros, 2 oficiais médicos e 2 civis funcionários da Ford. Todos sob o comando do Capitão de Corveta (FN) Clinton Cavalcante de Queiroz Barros. O planejamento para o cumprimento da missão se iniciou no dia 21 de março de 1960.

O início da marcha

A marcha iniciou no dia 27 de março, conforme determinado por um memorando do Chefe do Estado-Maior da Armada. O planejamento, iniciado no dia 21 de março, tornou muito efêmero o tempo para a implementação da missão, portanto não admitia erros.

Na manhã do dia 27 de março, às 7h15, o Grupo constituído foi embarcado em um Aviso no Cais do Bananal, na Ilha do Governador, Baía da Guanabara, e transportado para o Cais do Ministério da Marinha, onde apresentou-se para a revista do Comandante-Geral do CFN, usando uniforme camuflado, equipamentos pesados de campanha e armado com submetralhadoras. Por meio de uma Ordem do Dia, o Comandante Geral do CFN, Vice-Almirante (FN) Rubens Constant de Magalhães Serejo, transmitiu uma mensagem para aquele destacamento que estava por iniciar o deslocamento rumo à nova capital:

“Marinheiros e Fuzileiros.

Recebestes do nosso Ministro a missão altamente honrosa de fazer chegar às mãos do Chefe Supremo da Nação a mensagem que traduz o sentimento da Marinha pela inauguração da nova Capital. Assim, será mais uma participação efetiva da nossa Marinha, sempre presente aos maiores acontecimentos da História da Pátria. Para grandeza do fato histórico que se vai desenrolar no cenário montado em pleno planalto central de nossa terra, era necessário que o empreendimento que vos caberá cumprir tivesse a ressonância da epopeia da obra realizada: a mensagem a ser

conduzida pela Companhia de Reconhecimento do Corpo de Fuzileiros Navais, incorporada às suas fileiras vinte marinheiros dos navios de nossa Esquadra, – em coluna de marcha – “a pé” – da cidade do Rio de Janeiro à nova Capital, em Brasília. Do êxito da missão que vos foi outorgada não temos dúvidas, pois sempre temos presente que a nossa principal tarefa, e razão de ser, é vencermos a praia hostil embora com sacrifício de nossas vidas. Portanto, ao entregar-vos a mensagem de nossa Marinha, entrego-vos também os nossos votos por um resultado feliz e que Deus vos guarde durante esta jornada gloriosa.”

A distância percorrida foi de cerca de 1.221 km em um prazo relativamente curto: 24 dias. Deu em média 50 km/dia, sem margem de segurança para atender a qualquer eventualidade. Havia uma organização em relação ao planejamento para prevenir ocorrências que atrasassem ou impossibilitassem o deslocamento da coluna.

Nos dias 27, 28 e 29 de março, as etapas determinadas foram de 32, 42 e 44 km, respectivamente, tudo isso visando uma adaptação do corpo à rotina de marchas diárias. Com isso esperava-se – o que realmente aconteceu – melhor adaptação orgânica dos homens ao esforço exigido pela marcha. No quarto dia foi atribuída a etapa de 50 km e, daí em diante, de 52 e 56 km diários.

Até o quinto dia, os homens sentiam dores musculares que, entretanto, não os impediam de integrar a coluna. Uma vez iniciado o deslocamento, com o aquecimento dos músculos, as dores desapareciam.



*Na concentração,
antes do desfile*



O Presidente JK recebe a homenagem da MB

Nesse início também ocorreram ferimentos nos pés que impediam o uso de calçados de qualquer tipo, o que foi diminuindo até que todos ficaram em perfeitas condições. A partir do quinto dia de marcha, os integrantes preferiram cumprir etapas ainda maiores do que as previstas nas publicações militares.

Os homens preferiam marchar uma distância maior pela manhã; nesse período havia mais disposição. Após o primeiro grande alto (hora do almoço), o ânimo dos homens era sensivelmente reduzido, essa queda no ânimo ocorria no período aproximadamente das 13 às 15h30.

Os destacamentos eram divididos em dois grupos e seguiam um de cada lado da pista. Na retaguarda iam as viaturas de saúde, apoio e de comando. O comandante, o imediato, o oficial assessor e um dos médicos iam à frente da formatura. O desfile era acompanhado de palmas e vivas à Marinha, proferidos pelos mais entusiasmados, nas cidades em que passavam.

As fardas eram leves, e, logicamente, os equipamentos possuíam menor peso. O uniforme camuflado usado pelos soldados satisfazia plenamente as exigências de conforto e apresentação.

A seguir, o texto da carta que foi conduzida pelo

destacamento e entregue ao Presidente da República Juscelino Kubitschek, por ocasião da inauguração da nova Capital Federal – Brasília:

“Sr. Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira

A Marinha do Brasil, no passado, soube concorrer de maneira decisiva, com trabalho e sacrifício, para a grande obra da unidade nacional. Hoje, quando se efetiva a tarefa ciclópica da integração nacional, ela envia a vossa Excelência sua mensagem de fé e esperança nos destinos do povo brasileiro, que terá eternamente Brasília como um marco no progresso plantado, com energia e determinação, no coração do Brasil.

Rio de Janeiro, DF, 27 de março de 1960.

Jorge do Paço Matoso Maia

Almirante de Esquadra, Ministro da Marinha.”

A essa missão atribuiu-se o codinome de “Operação Alvorada”. Após a chegada a Brasília, um destacamento de fuzileiros navais iniciou o reconhecimento das áreas onde posteriormente seria instalado o Grupamento de Fuzileiros Navais de Brasília, organização militar que permanece prestando apoio para as instituições da Marinha localizadas no Planalto Central até os dias atuais. ■

Referências

- Marinha do Brasil - CGCFN-1003 – Manual Básico do Fuzileiro Naval, Rio de Janeiro, 2008.
- Construção de Brasília, Mayra Poubel. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/construcao-de-brasil>>. Acesso em 27 out 2018.
- Brasília: a Cidade-Sonho. Disponível em: <<http://www.df.gov.br/historia/>>. Acesso em 28 out 2018.
- Contexto Histórico. Disponível em: <<http://brasil50.info/brasil50.html>>. Acesso em 28 out 2018.
- A história da transferência da Capital brasileira para o centro do País. Disponível em: <<https://alunosonline.uol.com.br/historia-do-brasil/a-historia-transferencia-capital-brasileira-para-centro-do-pais.html>>. Acesso em 27 out 2018.
- COUTINHO FILHO, A pé para Brasília, crônicas de uma marcha/ Coutinho Filho, Alfredo de Souza; Rio de Janeiro, ed. Relume Dumará - 2004.
- Boletim do Clube Naval nº 179 de 1964 – Operação Alvorada • Seus Fundamentos e Repercussões – CT (FN) Newton Lemos de Azevedo.
- Revista Marítima Brasileira abr/mai/jun de 1980, números 4,5 e 6 – Biblioteca da Marinha – Operação Alvorada – CT (FN) Newton Lemos de Azevedo.
- “O Anfíbio” – Jornal dos Fuzileiros Navais, fev e mar de 1960
- Exemplar do Museu do Corpo de Fuzileiros Navais.
- Grupamento de Fuzileiros Navais de Brasília. 2017, Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupamento_de_Fuzileiros_Navais_de_Bras%C3%ADlia> . Acesso em 29 out 2018.